

Gaza à beira da catástrofe

Israel reduzirá em 40% o seu fornecimento de electricidade à Faixa de Gaza ocupada, transformando uma situação já desastrosa numa catástrofe 1/.

Israel diz que a próxima redução, aprovada domingo pelo ministério israelense, é baseada em uma demanda da Autoridade Palestina.

Antes da redução, a população de dois milhões de habitantes de Gaza recebia apenas quatro horas de electricidade por dia, deixando hospitais, estações de dessalinização e estações de tratamento de águas residuais em grave perigo ou inoperantes.

Actualmente, os serviços médicos, incluindo as intervenções cirúrgicas mais graves, foram severamente reduzidos devido à actual crise energética. Os geradores do hospital estão à beira do colapso, disse na segunda-feira Gisha, uma associação israelense de direitos humanos que monitora o bloqueio de Gaza.

Gisha escreveu uma carta urgente no domingo ao ministro da Defesa israelense, Avigdor Lieberman, alertando-o de que uma nova redução na eletricidade “é a linha vermelha que não pode ser atravessada”.

Os palestinos em Gaza são agora avisados para se prepararem para o pior. Diz-se que o corte reduz a média diária de eletricidade em mais 45 minutos.

O Hamas disse sobre a decisão que foi “catastrófica” e “perigosa”, alertando que “aceleraria a deterioração e explosão da situação na faixa”.

“As partes que têm responsabilidade pelas consequências desta decisão são o inimigo israelense que está sitiando e o chefe da Autoridade Palestina Mahmoud Abbas por seu papel imoral e

irresponsável na ocupação”, acrescentou o grupo que governa o território.

A obrigação de Israel

Um funcionário israelense disse ao jornal Tel Aviv Haaretz que o ministério aceitou a “recomendação” do exército israelense de “não ter qualquer indulgência com o Hamas e agir de acordo com” a demanda de Abbas.

A expressão “indulgência com o Hamas” significa que as autoridades israelenses não fazem diferença entre toda a população civil de Gaza, por um lado, e um grupo político ao qual Israel se opõe, por outro. Significa que Israel impõe punições coletivas à população civil para atingir os seus objetivos políticos.

Gilar Erdan, ministro israelense de Segurança Pública, disse em uma rádio militar que o corte seria uma “decisão” de Abbas. “Para os israelenses pagar a conta de luz em Gaza é uma situação impossível”, acrescentou Erdan.

Os oficiais do exército, da segurança e da informação apoiam a abordagem, embora compreendam as consequências humanitárias catastróficas e a escalada militar que daí poderá resultar.

Mas esconder-se atrás de Abbas não exonera Israel, a potência ocupante em Gaza, das suas responsabilidades. A Quarta Convenção de Genebra, que rege a ocupação militar, exige que o ocupante utilize todos os meios à sua disposição para assegurar serviços médicos adequados, saúde pública e outras necessidades vitais.

“Israel não é um provedor de serviços, que responde indiferentemente à demanda de um cliente”, disse Gisha. “Dado o seu amplo controle sobre a vida na banda, Israel é responsável pela possibilidade de uma vida normal para os seus residentes”.

O Centro Palestino para os Direitos Humanos afirmou que a decisão de novos cortes no fornecimento de electricidade ameaça a vida da população de Gaza. Exorta Israel “no seu papel de potência ocupante ao abrigo do direito humanitário internacional, a cumprir as suas obrigações para com a população de Gaza e a assegurar que os civis tenham acesso aos serviços básicos necessários”.

Cruel jogo de poderes

No final de Maio, a Autoridade Palestiniana exigiu que Israel reduzisse a quantidade de electricidade que fornece a Gaza, dizendo que pagaria apenas 60% da factura mensal de electricidade de Israel.

O porta-voz da Autoridade Palestina, Rareq Rashmawi, defendeu a abordagem, dizendo que o Hamas não tinha pago a conta de electricidade da Autoridade Palestina. Rashmawi também exigiu que o Hamas realizasse eleições legislativas e presidenciais – mais uma vez apresentando uma razão política para infligir sofrimento à população.

No mês passado, a autoridade no poder em Gaza disse que tinha se adaptado a todas as condições de PA para acabar com a crise de electricidade, incluindo a cobrança mais rigorosa de contas de electricidade da população empobrecida da Faixa de Gaza.

No mês passado, a Autoridade Palestina parou de transferir fundos para apoiar o sistema de saúde de Gaza, rejeitando pelo menos 240 bebês e centenas de pacientes com câncer ou tratados para outras doenças graves, de acordo com Médicos para os Direitos Humanos – Israel.

A Autoridade Palestina também deixou de fornecer medicamentos e fornecimentos recém-nascidos aos hospitais de Gaza, um golpe que as autoridades sanitárias de Gaza denunciaram como sendo consentâneo com os interesses políticos.

A crescente pressão da AP é vista como uma tentativa de

retirar o controle de Gaza das mãos do Hamas.

Esta semana, uma acadêmica de Harvard, Sara Roy, afirmou na London Review of Books que “se Abbas quisesse ganhar o apoio da população de Gaza, tudo o que teria de fazer era pagar o seu salário aos funcionários públicos”.

Roy, que escreve há anos sobre Gaza, descreve os dolorosos e acelerados níveis de miséria em Gaza, consequência de dez anos de bloqueio imposto por Israel com o apoio do Egito e da AP.

Além da redução de suprimentos elétricos e médicos, Abbas deixou de pagar aos funcionários em Gaza que trabalhavam para a AP antes que o Hamas assumisse o controle em 2007, depois de vencer as eleições legislativas no ano anterior.

Mesmo quando esses empregados tinham parado de trabalhar, Abbas tinha pago os seus salários. Em Abril, a AP reduziu a sua remuneração entre 30 % e 70 %.

Nas últimas semanas, o Comité Internacional da Cruz Vermelha, a Organização Mundial de Saúde e a OCHA, a agência de coordenação humanitária da ONU, alertaram para as consequências desastrosas de uma redução do já desesperadamente insuficiente abastecimento de eletricidade.

Mas desde que Gaza foi abandonada ao seu sofrimento por causa da ignorância geral, nenhuma atenção internacional foi dirigida ao agravamento da crise.

As autoridades do Hamas foram assistidas pelo Qatar, que financiou o fornecimento de combustível para a única central eléctrica de Gaza, a fim de atenuar os piores efeitos da crise. Esta oferta terminou em Abril.

O Qatar enfrenta agora pressões de Israel, dos Estados Unidos, da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos para pôr fim a toda a ajuda ao Hamas.

Original: [Eletronic Intifada](#)